

O MAHABHARATA COMO FONTE: GÊNERO E GUERRA NO PERÍODO VÉDICO

BRAATZ, JOÃO¹; CAROLINA KESSER BARCELLOS DIAS³

¹UFPEL – joao.braatz@hotmail.com

³UFPEL - carol.kesser@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Primeiramente, é imprescindível considerar para essa pesquisa a escassez de produções acadêmicas sobre a Índia Antiga no Brasil, e, portanto, procuraremos refletir a respeito dessas dificuldades e seus motivos. Pode-se citar, por exemplo, a pouca familiaridade com a língua sânscrita, um problema que acomete outras áreas que lidam com línguas mortas. Dito isso, um dos principais objetivos de nossa pesquisa é apresentar e discutir as possibilidades de análise das fontes disponíveis para incentivar outras pesquisas a respeito desse tema no país, além de levantar questões e problematizações que podem ser feitas sobre a organização sociocultural indiana a partir da leitura da documentação escrita e material produzida por essa sociedade que chegou aos dias atuais.

A obra que recebeu maior foco do trabalho, nossa principal fonte, é o épico indiano Mahabharata, uma produção datada de um período posterior a dos grandes Vedas (os primeiros textos sagrados do Vedismo), produzido aproximadamente durante o século V AEC (Antes da Era Comum, termo que usamos para substituir Antes de Cristo, pois nos referimos à cronologia em uma sociedade que não tem Cristo como principal referência) da forma que conhecemos atualmente. É considerada a maior obra escrita da história da humanidade, com mais de 90.000 versos duplos. Portanto, pretendemos apresentar esta obra épica pouco conhecida no Brasil realizando uma análise crítica do conteúdo da obra dentro da realidade em que esta foi escrita para depreender diferentes aspectos da sociedade que a produziu, como questões de gênero e a qual classe da sociedade a obra se destina.

Além disso, também será utilizada a passagem do *Bhagavad-gita*, em que ocorre o diálogo entre o deus Krishna e Arjuna, o herói da história. Nele, há o ensinamento divino passado para o guerreiro e os motivos para ele ter obtido êxito em seu objetivo, tornando a obra referência para o ensinamento da casta dos *Kshatriyas* (xátrias, a casta guerreira). No início da passagem, Arjuna mostra-se receoso com a batalha que viria, já que teria que enfrentar sua própria família. É quando Krishna cumpre seu papel de sábia divindade e “ilumina” o guerreiro, lembrando-o de seu papel social (*varma-dharma*), e de que caso não cumpra seus deveres como guerreiro isso acarretará em pecado, perdendo essa posição dentro da sociedade e consequentemente ficando sem casta (pária). Essa situação era vista como um “castigo” e perder sua casta afetaria toda sua família. Essa passagem também mostra o deus Krishna justificando o motivo da guerra, já que mesmo sendo membros da mesma família, Arjuna deveria matar “os malfeiteiros que cometem uma larga lista de atrocidades contra a lei, a moral e o povo em geral” (PARAMADVAITI, 2003. p. 15), a guerra mostra-se, portanto, como uma medida punitiva e sempre com a justificativa de defesa da sociedade por algum inimigo que realizou atitudes desprezíveis pelos deuses. Krishna então finaliza

mostrando à Arjuna que seus adversários representam o mal e que “se o mal não for castigado, ninguém entenderia o que é o mal” (PARAMADVAITI, 2003. p. 16), mostrando, portanto, o que motiva a guerra nessa sociedade.

A área do conhecimento em que podemos inserir nossa pesquisa é a História Antiga e Medieval, que trata de cronologias mais recuadas, baseadas em antes e depois da Era Comum. Temos como principal objeto de estudo uma fonte literária – o Mahabharata – que possui traduções de trechos e estudos em português publicados por autores como BUENO (2016) e CARRIÉRE (1994), que segundo o Professor Dr. da Universidade de São Paulo João Carlos Barbosa Gonçalves, especialista em literatura sânscrita no Brasil, trata-se de uma das melhores traduções da obra em português disponível. Além disso, também propomos traduções feitas a partir do inglês de trechos disponibilizados online.

2. METODOLOGIA

Objetivamos nessa pesquisa a análise crítica de trechos traduzidos do épico Mahabharata, uma obra que não possui uma datação precisa, mas que aponta para um período bastante longo de produção. Baseado na tradição oral india, utilizando alguns trechos do texto original escrito que remontam ao século IV AEC, embora a datação da obra possa recuar alguns séculos. Os trechos escolhidos para nossa pesquisa são aqueles que demonstram por meio de orações ou diálogos entre os personagens da história questões que remontam à filosofia guerreira ou que apontam para os possíveis estudos de gênero dentro daquela sociedade. Destaco uma oração traduzida por RENOU (1964) em que a princesa Draupadi, uma das personagens centrais da história, realiza uma oração pedindo ajuda ao deus Krishna.

“Ó Krishna, eu faço tanto bem quanto posso, tudo quanto uma pessoa deve fazer na domesticidade sem saber se tais fatos dão frutos ou não (...)

Eu ajo virtuosamente não pelo desejo de colher os frutos da virtude, mas de não transgredir os mandamentos dos Vedas.”

Podemos observar o que seria uma mulher ideal dentro dessa sociedade por meio da oração ao deus. A sua fala contém elementos que tinham como objetivo provar à divindade que ela seria uma boa pessoa em seu papel de doméstica. Para uma melhor compreensão do tema e aproveitamento das fontes, será feito também um levantamento imagético que corresponda aos trechos destacados, de maneira a reunir informações escritas, iconográficas e materiais da obra.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa pesquisa encontra-se ainda em estágio inicial de levantamento das fontes e classificação de trechos da obra Mahabharata em que aparecem os temas relações de gênero e militarismo. Trataremos os dois temas a partir das fontes documentais e da iconografia disponível.

Porém, mesmo em estágio inicial, é necessário trazer a discussão sobre a desvalorização do ensino do sânscrito no Brasil, um conhecimento fundamental para o estudo da sociedade india, e para não depender apenas de traduções de

outras línguas. Na Universidade de São Paulo, por exemplo, era oferecida a habilitação em sânscrito, porém este curso não existe mais, restando atualmente apenas cadeiras introdutórias, optativas e cursos de difusão.

Para o estudo da sociedade india antiga são conhecidas diversas outras obras além do Mahabharata (a maioria de caráter religioso, como os próprios Vedas), que podem contribuir com informações importantes sobre rituais e mitos a respeito de, por exemplo, a criação do mundo que consta no Rig Veda, que serão oportunamente utilizadas em nossas pesquisas para contextualizar melhor os temas aqui elencados

4. CONCLUSÕES

Utilizando o Mahabharata como fonte, por meio das traduções disponíveis, e com o apoio da bibliografia especializada, de trabalhos e pesquisas reconhecidas na área, serão problematizadas, inicialmente, as questões de gênero e a filosofia guerreira no período védico. Com base nesta documentação e em outras fontes disponíveis, procuraremos elencar algumas questões sobre o cotidiano, a educação e a religião da Índia no período que compreende os séculos V e IV AEC.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, G.V. **Investigações sobre o carácter da civilização Arya-hindu**. Macau: Comissão Territorial de Macau para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

AGUD, A. **Pensamiento y cultura en la India antigua**. Madrid: Akal, 1995.

ALBANESE, M. **Índia antiga**. Barcelona: Folio, 2009.

AUBOYER, J. **A vida quotidiana na Índia antiga**. 2.ed. Rio de Janeiro: Shu, 2002.

BROCKINGTON, J. **The Sanskrit epics**. Boston: Brill, 1998.

BUENO, A. **Textos de história da Índia Antiga**. S/editora, Rio de Janeiro, 2016: Acessado em 31 jul. 2017. Online. Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=ZT4fDgAAQBAJ>.

DANDEKAR, R. **The Mahabharata Text as Constituted in its Critical Edition**. Puna: Bori, 1971.

ELIADE, M. **História das crenças e das ideias religiosas**. São Paulo: Zahar, 2010.

GONÇALVES, J.C. **Dizeres das antiguidades – a arquitetura discursiva da literatura sânscrita purânica exemplificada pelo mito da Grande Deusa**. 2009. Tese de Doutorado em Linguística – Programa de Pós-graduação em semiótica e linguistica geral. Universidade de São Paulo. (p. 57-66).

PARAMADVAITI, S. B; ACHARY, S.A. **O Bhagavad-gita: A Ciência Suprema.** São Paulo: Serviço Editorial dos Vaishnavas Acharyas, 2003.

RENOU, L. **O Hinduísmo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

TINOCO, C.A. **O pensamento védico.** São Paulo: Ibrasa, 1992.